

O COTIDIANO DA ESCOLA SEGUNDO AS CONCEPÇÕES DE HEIDEGGER

EVERYDAY SCHOOL ACTIVITIES ACCORDING TO THE CONCEPTIONS OF HEIDEGGER

Brunna D'Luise Turato Lotti Alves¹¹Mestranda em Geografia Humana pela USP. Professora da rede particular de Jundiaí-SP.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo refletir como o cotidiano dos alunos pode ser usado nas aulas de geografia. A revisão literária se pautou pelas concepções do filósofo Heidegger sobre a identidade, lugar e sentimentos. Os resultados mostram que há poucas pesquisas que abordam a geografia ensinada em sala de aula, sendo então indispensáveis trabalhos sobre esse tema.

Palavras-chaves: Educação. Heidegger. Cotidiano.

ABSTRACT

This work has the objective of reflecting on how the everyday activities of the students may be used in geography classes. The literature review was based on the conceptions of Heidegger about identity, place and feelings. The results show that there are few researches that approach the geography taught in the classroom, therefore works in these areas are indispensable.

Keyword: Education, Heidegger, Everyday activities.

INTRODUÇÃO

“Abriga algo muito decisivo: o fato de não mais se fazer a experiência de que habitar constitui o ser do homem, e de que não mais se pensa, em pleno, que habitar é o traço fundamental do ser-homem” (HEIDEGGER, 2002, p.128).

O objeto da ciência Geográfica resulta na mediação entre a Natureza e Sociedade, como ressaltado com as concepções de Martins (2007, p.39) “a Geografia nasce, portanto com a relação entre a sociedade e a natureza”. É possível, então, uma imbricação, dado que a Natureza é construída para dar sentido à sociedade. Nesse contexto, Gonçalves (1978, p.8) discute a apropriação da natureza:

A partir do momento em que os homens se organizam socialmente não é mais possível fazer-se uma rígida separação entre história da natureza e a história da sociedade, pois estas se imbricam, dando origem a uma só história.

Entre as categorias da geografia ‘entes’ surgem na existência (espaço, tempo, movimento e existência), sendo reflexo da produção do

homem com a natureza, ou seja, para Martins (2007, p.40) a Geografia deve ser vista como categoria da existência, e as categorias são por sua expressão subjetivas. Somos a Geografia que construímos, uma miscelânea do espaço, tempo, movimento e relações intrínsecas. Refletindo sobre tal afirmação deve-se perguntar: ‘essa Geografia me pertence?’.

Nas concepções de Heidegger (2002), a ideia de Habitat não se refere ao ato de possuir uma residência, mas se traduz no modo que o homem se relaciona com o mundo, guia cada gesto do homem no cotidiano, gesto que nasce da relação do homem com as coisas do mundo. Nesse sentido, refinando a pergunta: ‘qual é nosso nível de identidade com a Geografia?’.

REVISÃO DE LITERATURA

Ao trabalhar com a escala do cotidiano proposta por Heidegger (1927/1988), que remete ao fenômeno da impessoalidade, no qual é o modo que o homem se relaciona com as coisas e com os outros. Na educação percebe-se quando isso acontece: os costumes se reproduzem determinando o tipo de educação do indivíduo.

Segundo Paviani (1988, p. 11):

O importante é saber que não somos totalmente livres para termos a educação que queremos, pois nosso querer desde que nascemos vem sendo *educado* por idéias e comportamentos que ultrapassam nossa consciência das coisas. Sob a educação formal que nos é transmitida existe uma educação invisível cuja força nem sempre é levada em conta em nossos estudos. A escola como aparelho doutrinário certamente exerce influência, mas também recebe influência da educação *informal* que se transmite através dos grupos sociais, meios de comunicação, organizações sindicais etc.

Assim, percebe-se que o impessoal precede a ausência de autonomia do político-ideológico, sociocultural, dado que este é o parâmetro de comportamentos de algumas relações. Esse fenômeno é verificado também no ensino de Geografia, no qual o impessoal é o modo básico e habitual de se apresentar no cotidiano ou, segundo Heidegger (1927/1988), “uma modificação existencial do impessoal”, movimento que permite aproximação e apropriação de si mesmo.

A importância do saber geográfico para a formação cidadã e a vivência em sociedade já é consenso entre teóricos do ensino de Geografia.

Na verdade, tais questões são premissas para analisar como o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreender seu entorno e, assim, poder exercer sua cidadania.

Para operacionalizar o desenvolvimento da proposta, a pesquisa inseriu-se no contexto intraescolar, em salas de aula de Geografia, a fim de identificar as representações sociais dos alunos e dos professores acerca do uso de novas linguagens em sala de aula.

A Geografia é uma disciplina indispensável para se entender a relação homem e natureza, o que indica utilizar a realidade do aluno para a leitura e compreensão da análise espacial como uma construção histórico-social. Percebe-se, porém, muitas situações em que o ensino de Geografia está atrelado ao tradicionalismo. Segundo Bonfim (2006, p.107), para a maioria dos alunos a aprendizagem nas aulas se reduz somente à memorização, sem fazer referência aos parâmetros socioespaciais.

Reafirmando tal conceito percebemos que ainda hoje muitos alunos pensam, assim como Lacoste (1993), que a Geografia ensinada na sala de aula é maçante, ou seja, o conhecimento adquirido possui escassa utilização na vida real fora da escola.

Trazendo essa temática para a Geografia,

Pontuschka (2007, p. 262) explica que a era da globalização possibilita a rapidez das informações por meio da televisão, rádio, computador e vídeos e o professor tem um papel importante como mediador, podendo enriquecer o seu trabalho com todos esses recursos para propiciar que o aluno compreenda o mundo em que vive.

É em virtude da rapidez que se deve ter para enfrentar situações diferentes a cada momento que se utiliza mais o processamento multimídia e, por sua vez, os meios de comunicação, principalmente a televisão e suas diversas linguagens (MORAN, 2006).

No ensino de geografia é relevante conhecer o cotidiano da vida dos estudantes para entender quais geografias eles levam para a escola, desse modo, o cotidiano é percebido como campo das possibilidades para que possa conceber de alguma das esferas da totalidade, como apresentado por Heller (1972, p.17):

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

A cultura dos alunos fomenta um diálogo com o próprio ensino de geografia e o professor como mediador deve ajudá-lo a construir o processo de ensino-aprendizagem do raciocínio geográfico. No entanto, muitas vezes o professor marginaliza o aluno enquanto sujeito do processo de conhecimento. Assim, os conteúdos em sala de aula acabam ignorando o saber do aluno, impedindo a interação entre sujeito e objeto a ser estudado.

As percepções geográficas se relacionam com o espaço vivido do aluno e suas faces do cotidiano. Para Heidegger (1979, p. 142), o cotidiano tem a força de trazer o esquecimento e inquietação: “o homem se limita à realidade corrente e passível de ser dominada mesmo ali onde decide o que é fundamental”.

Nessa perspectiva, cada ser humano é mais que singularidade: passa a ser totalidade e o cotidiano é uma das geografias que o aluno traz consigo para a escola, sua percepção de entorno. A escala do indivíduo é tão perceptível que a literatura também dela se apropria, como por exemplo, a poesia de Carlos Drummond de Andrade, Confidência do Itabirano, ao indicar o lugar não como algo frio, mas sim repleto de sentimentos:

Alguns anos vivi em Itabira. Principalmente nasci em Itabira. Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro. Noventa por cento de ferro nas calçadas. Oitenta por cento de ferro nas almas. É esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

Assim como a literatura, as séries são elementos lúdicos na aprendizagem do aluno, permitindo um relacionamento entre a teórica e a prática com o conhecimento da realidade circundante.

Como o poema, a noção de pertencimento permuta na relação homem e seu meio. Para Saramago(2012, p.200), o filósofo Heidegger “não se restringe, contido, os instrumentos e seus lugares, mas se expande, desdobrando-se em relações de pertencimento de proporções ainda mais ampla entre os próprios lugares de uma determinada conjuntura”.

O estudante deve ser motivado a considerar suas percepções de mundo, interpretando seu universo de vivência em diversas escalas a fim de reconhecer que o meio que se vive também é objeto e tema da reflexão escolar. Segundo Resende (1986, p.20): “Se o espaço não é encarado como algo em que o aluno está inserido, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia tornar-se alheia para ele”.

A leitura do mundo é fundamental para que se possa exercer a cidadania. Uma forma de ler o mundo é por meio da geografia na escola, utilizando para isso o processo de alfabetização, como, por exemplo, a leitura do espaço que traz em si todas as marcas da vida do homem. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura cartográfica, mas sim da vida, construindo cotidianamente o que expressam as utopias, tanto do âmbito da natureza quanto da sociedade (cf. Callai, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais o papel da geografia na escola é ajudar o aluno a compreender que as paisagens que se vê são resultados da vida em sociedade e a eterna busca dos homens na busca da satisfação das suas necessidades (cf. Callai, 2005).

Dado o desafio que se diz à geografia ensinada em sala de aula e as poucas pesquisas voltadas para aprendizagem dos alunos, a pesquisa sobre essa temática torna-se indispensável, tendo em vista que há muito a se fazer e per-

correr para avanços na formação de um cidadão mais consciente do seu entorno e também da sua geografia.

A contribuição em ensino de geografia em termos de pesquisa acadêmica que tange a escola e o professor tem sido muito limitada ao comparada com outros campos da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

Andrade, Carlos Drummond. **Antologia Poética**. ed12. Rio de Janeiro: José Olympio. ps. 36-37.1978.

BOMFIM, Natanael Reis. A imagem da Geografia e do ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. **Revista Estudos Geográficos**. Rio Claro, junho 2006. p. 107-116.

CALLAI, Helena Copetti. APRENDENDO A LER O MUNDO: APRENDENDO A LER O MUNDO: A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p.227-247, maio 2005. Trimensal.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A geografia está em crise. Viva a geografia! **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n.55, p.5-29, nov. 1978;

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo (v. I)**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1988 (Trabalho original publicado em 1927).

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.

HEIDEGGER. **Sobre a essência da verdade**. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural. p.127-154.1979.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LACOSTE, Yves. Uma disciplina simplória e enfadonha? In: LACOSTE, Yves. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1993. p. 21-30.

MARTINS, Êlvio Rodrigues. Geografia e Ontologia: O Fundamento Geográfico do Ser. **GEUSP**, São Paulo, n. 21, p.33-51, out. 2007.

MORAN, José Manuel et al. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. In: MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos T. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2006. Cap. 1. p. 11-66

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; CACETE, Núria Hanglei; GEOGRAFIA, Para Ensinar e Aprender. A Linguagem Cinematográfica no ensino de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 2. p. 261-287. (Docência em Formação ensino Fundamental).

PAVIANI, Jayme, (1988). Problemas de filosofia da educação. 4.^a ed. Petrópolis/RJ: Vozes.

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do Aluno Trabalhador**: Caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1986. 179 p. (Coleção Educação Popular).

SARAMAGO, Ligia. Como a ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: MARRANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; SARAMAGO, Ligia. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 193-225.